

Somos todos “Downstream”

Hartman Deetz

Deixei a Califórnia tarde da noite, mais tarde que o esperado. O meu amigo chegou, junto com outra mulher que eu ainda não conhecia. Empurrei o meu saco de viagem e equipamento de camping para dentro de um carro que já parecia estar pelas costuras, e partimos rumo a Standing Rock.

Fomos pela Interstate 80 através de Nevada, Utah, até ao Wyoming. Fiquei, mais uma vez, impressionado pela beleza da paisagem neste país - grandes planícies de sal, montanhas com superfícies rochosas, colinas com várias cores, florestas de pinheiros. Somos verdadeiramente abençoados por viver numa terra com tal grandeza e diversidade de paisagens.

O peso da terra e do céu impressionou-me particularmente nas grandes planícies das pradarias do Dakota - acentuados por pequenas e dispersas colinas, árvores ocasionais ao longo de ribeiros, e correntes que desembocam em rios grandiosos. O mundo é cortado ao meio por um horizonte plano, refletido pela escala do céu noturno com as estrelas, a Via Láctea e as Luzes do Norte. Ou durante o dia, sob os pilares de nuvens em constante mutação. Esta é a terra agrícola por excelência, de proporções americanas míticas. De tornados e Dorothy, ranchos de gado, vagões de trens... e Índios. Os gritos, o pânico, o desdém, o ódio incitados nesse jeito de Hollywood ainda se mantêm para alguns nos estados de Dakota.

“O Dakota Access Pipeline, também conhecido por Oleoduto Bakken, é um projeto de infraestrutura petrolífera planejado para levar petróleo fraqueado da Dakota do Norte através da Dakota do Norte, Dakota do Sul, Iowa e Illinois, onde se deverá ligar a redes ferroviárias e de oleodutos já existentes, transportando petróleo cruo extremamente volátil até à costa do Golfo.”

Em Maio de 2014, um grupo de resistência, compostopor cidadãos de Bismark conseguiu mover a rota inicial de instalação do oleoduto para fora da sua região, expressando preocupação pelo fato do oleoduto poder potencialmente impactar a água potável da cidade, bem como outras preocupações ambientais. Estas mesmas questões não foram aparentemente consideradas como problemáticas para os reguladores quando uma nova rota foi aprovada em Setembro de 2014, atravessando pelo meio da Reserva de Standing Rock, consagrada em tratados, sem consultar e sem ter a aprovação da tribo de Standing Rock.¹

Isto constitui uma violação da posição soberana de um governo tribal; a tribo de Standing Rock não aprovou, nem aprovará, este projeto. Este constitui uma ameaça à sua habilidade de viver no que lhes resta das suas antigas terras natais. *Mni wiconi*: água é vida. Na verdade, a tribo levou a cabo todas as medidas para garantir que o projeto não

seja aprovado - levando o caso ao tribunal federal, procurando corrigir o seu descontentamento através do governo, participando em negociações, entre outros. Contudo, o projeto aprovado pelo governo do estado da Dakota do Norte tem avançado com construções, apesar das recorrentes objeções por parte do governo tribal.

Um grupo de 30 jovens correu, com seus próprios pés, de Standing Rock até Washington DC de forma a comunicar a sua resistência.² Infelizmente, o Presidente Obama ainda não respondeu. Algumas pessoas montaram um acampamento de resistência no caminho do oleoduto; muitos usam os seus próprios corpos de forma a bloquear a construção e interromper as operações. O Presidente do Conselho Tribal, David Archambault, estava entre os detidos por invasão de propriedade alheia, quando cidadãos tribais e apoiantes invadiram um local de construção.³

Dia 2 de Setembro, na sexta-feira antecedente ao Labor Day, a tribo encontrou um novo método de resistência – a Lei de Proteção de Túmulos dos Nativos Americanos. O funcionário para a preservação histórica da tribo submeteu um pedido para interromper os trabalhos de construção, demonstrando a presença de túmulos no trajeto proposto para a rota do oleoduto. No sábado seguinte, o fim-de-semana do Labor Day, a situação piorou quando cidadãos da tribo e apoiantes chegaram para plantar as suas bandeiras tribais e depositar as suas bolsas de tabaco, orações e oferendas para as sepulturas – mas uma equipa de bulldozers tinha chegado antes deles, a 20 milhas de qualquer área de construção ativa, de forma a demolir qualquer vestígio de túmulos na rota do oleoduto.^{4,5} Membros da tribo ocuparam a zona de construção ativa enquanto bulldozers aravam os túmulos dos seus antepassados. Forças de segurança mercenárias privadas contratadas pela Dakota Access atacaram cidadãos tribais desarmados, com gás-pimenta e cães. Uma mulher grávida e uma criança estavam entre os que sofreram mordidas de cães, ambos foram parar ao hospital. Os cães de ataque estavam tão fora de controle que um dos mercenários foi mordido pelos seus próprios cães.

O vídeo se espalhou pela internet, tal como o pedido de apoio. Tal como muitas pessoas, Nativos e outros, eu respondi.

“Demolir os nossos túmulos de propósito é uma afronta à nossa cultura, mulheres e crianças estavam na linha da frente quando os cães atacaram, e eles não se importam”, disse Erin Strongheart Ford. “Se lá estivessem cruzeiros ou lápides, acha que eles teriam feito aquilo?” Erin é uma mulher de descendência mista, que se auto-identifica como sendo “de linhagem Chaktaw, Cherokee, Africana e Celta.” É ativa no movimento de justiça alimentar e agricultura biológica na região de Driftless, no Wisconsin, onde agora vive. Tem viajado entre o Wisconsin e a Dakota do Norte, transportando entre 10 e 15

mil dólares de comida doada para o acampamento. Enquanto agricultora, ajuda a alargar a perspectiva sobre o assunto. O risco de contaminação do rio Missouri poderia impactar o abastecimento de água de uma porção considerável da terra agrícola da nação. “Se és um agricultor biológico resistindo aos OGMs (organismos geneticamente modificados) e aos pesticidas, esta é a mesma luta,” explica.

A caminho de Standing Rock, parei na Dakota do Sul, onde falei com o agricultor Jim Keller. Keller vive numa fazenda apenas a algumas milhas das margens do rio Missouri. Tal como os Sioux de Standing Rock na Dakota do Norte, o estado da Dakota do Sul também estaria em grande risco no caso de um derrame de um oleoduto, sem obter qualquer dos seus escassos benefícios econômicos. Keller tem estado envolvido em movimentos sociais ligados à água na região desde os anos 80, quando trabalhou com as Famílias Contra Mineração Radioativa (FARM). Segundo ele, há muito em comum com a luta contra o oleoduto hoje em dia. “Isto afeta todo o Missouri desde aqui até ao Mississippi, e todo o Mississippi ao sul de St. Louis.” Keller contou-me que “o rio alimenta o aquífero (Aquífero de Oglala), e é daí que vem a água quando abrimos a torneira.” Desde Standing Rock até à quinta de Keller, até à Dakota do Sul, ao Iowa, St. Louis e todo o caminho até a Nova Orleans, diz Keller, “todos vivem rio abaixo/recebem as correntes do rio vindas do norte.”

Sendo que uma grande parte da população Nativa se opõe a este oleoduto em Standing Rock, a resistência vai muito para além dos membros tribais de Standing Rock. Muitas pessoas enxergaram a oposição, e reconheceram parte de si mesmas nas pessoas que viajaram até Standing Rock. Bill Hill de Tuscon, Arizona diz: “Se não nos unirmos enquanto seres humanos, então porque estamos aqui?” Hill trouxe um ônibus de 30 pés desde Tuscon, cheio de pessoas e mantimentos. Algumas tinham dinheiro, algumas tinham doações materiais, e outras traziam apenas a si próprias. Hill disse: “É importante fazer as pessoas sair da sua zona de conforto, porque a maioria dos americanos... estamos demasiado confortáveis. As pessoas indígenas não têm nada; tirámos-lhes tudo, e agora queremos pôr um oleoduto a atravessar as suas águas?” Hill recorda-nos a importância da água e da vida: “Separação é o que destrói as pessoas. Estamos todos aqui juntos para parar o oleoduto..”

Michael Tinter viajou desde Putnam Valley, Nova Iorque, onde dá educação em permacultura na Eden Village Summer Camps, dizendo: “Eu sabia que havia alguma maneira em que eu podia ajudar.” Baseado no princípio da permacultura que declara que 'o problema é a solução', Tinter virou responsável de tratar dos desperdícios alimentares, e iniciou o programa de compostagem do acampamento. Explicando como o acampamento se trata mais do que apenas parar o oleoduto, afirma: “Esta é a luta para

parar algo mau e doloroso, mas conseguiu pegar em algo mau e transformá-lo em algo bom, fazendo as pessoas unirem-se.”

Pegar o problema do desperdício de comida e transformá-lo em composto parecia ser algo óbvio. Contudo, o Estado passou mais uma vez por cima dos direitos da tribo de Standing Rock – a Agência de Proteção Ambiental da Dakota do Norte insistiu que a compostagem equivale a enterrar lixo, e seria, portanto considerado como despejo ilegal. “Se compostamos à superfície teremos que parar de fazê-lo,” diz Leigh Salway, uma das duas mulheres responsáveis por cozinhar, na cozinha de Wild Oglala. Todos os dias, esta cozinha do acampamento começa a manhã cozinhando o café-da-manhã. Após o café-da-manhã, Leigh e o resto da equipe começam a cozinhar o almoço, e após o almoço começam a cozinhar o jantar. Como o letreiro diz, todos são bem-vindos – à comida que circula todo o dia, mas também a um sentimento de lar. Leigh é uma matriarca nativa clássica, calma e de voz suave, cuja hospitalidade juntou um acampamento inteiro à volta da sua cozinha. “Estas pessoas estão aqui para nos ajudar. Eu venho de Oglala, mas temos muita família aqui,” me disse. “Queremos que as pessoas saibam que apreciamos a sua presença, por isso alimentamo-las e convidamo-las a visitar-nos nas nossas fogueiras.”

Ajudei a cavar a cova com seu parceiro, um homem que alternadamente apresentava-se como John, Frank, Billy e Richard. Ele é um homem cheio de piadas. Quando solicitado a remover o composto da cova, ele usou a antiga arma indiana de humor para retrucar. “Eles dizem que não podemos desenterrar o solo para composto, por isso devemos dizer-lhes que é para um pipeline... O que poderia dar errado? Trinta polegadas de petróleo bruto? `Ele continua, com a pá na mão, cavando o solo para fora da cova. “E se disséssemos que encontramos algumas sepulturas eh? Eles iriam enviar as escavadeiras e cavar para nós.” Assim como os outros cavando o composto para fora de seus poços, Richard está usando sua pá para trabalhar; No entanto, eu noto a maneira trapaceira clássica com que ele está cavando uma nova cova de composto bem ao lado da antiga.

Esse espírito de resistência é alimentado e apoiado por mulheres como Salway. A manhã de ação do Dia do Trabalho, muitas das inundações nos canteiros de obras vieram primeiramente através da cozinha selvagem Oglala, ou os acampamentos Hoopa ou Navajo, apanhando fry bread, bananas, manteiga de amendoim com geléia, ou outros alimentos de viagem juntamente com com garrafas de água. As manifestações do campo e uma caravana dirigem-se ao local de construção. Isso aconteceu três vezes durante a semana em que estava em Standing Rock: 300 ou 400 cidadãos tribais e seus aliados correm através dos campos de milho e soja, e cada um deles são ajudados de costa à

costa e ao redor do mundo por doações de alimentos, roupas, dinheiro, e habilidades. O campo está vivo com voluntários na clínica médica, a barraca de assistência jurídica e um monte de mídia. Pessoas cortando madeira, trabalhando, e servindo como segurança. Existe um processo constante de oradores, cantores e poetas vindo ao círculo principal. Essas pessoas vão para as zonas de trabalho e param a construção que continua apesar da crescente oposição de agências federais como a Mesa de Assuntos Indianos, Departamento de Justiça, Departamento do Interior, e o Corpo de Engenheiros do Exército.⁶ Numerosas nações tribais emitiram declarações de apoio e solidariedade, assim como cidades e estados em todo o país e mundo. A ONU inclusive deu seu parecer, dizendo que a tribo foi tratada injustamente.⁷ Apesar desse apoio, a construção continuou - assim como as ações diretas. Uma ação recente resultou, mais uma vez, em tumulto quando testemunhas voltaram informando que a polícia jogou uma mulher mais velha no chão, armas com munição viva foram apontadas para multidões de cidadãos tribais desarmados com crianças e anciãos presentes, veículos blindados bloquearam ambas extremidades da estrada, e um pulverizador infestou a multidão com químicos desconhecidos.⁸ A determinação dos protetores da água podem ser lidas claramente em um post de mídia social de Amber Knudson, "havia tanques militares, armas possivelmente carregadas com projéteis ou gás lacrimogêneo, e armas carregadas com balas trazidas pela polícia. Muitos protetores de água são presos semanalmente, e ainda ... nós ainda estamos aqui. [...] Ainda vamos ficar, ainda vamos lutar pela nossa água, porque o petróleo é um privilégio e água é vida".

Notes:

1. Dalrymple, Amy. "Pipeline Route Moved South of Bismarck Partly Because of Drinking. Water Contamination Concerns." *Inforum*, August 19th, 2016. <http://www.inforum.com/news/4097616-pipeline-route-moved-south-bismarck-partly-because-drinking-water-contamination>.
2. Houska, Tara. "Native American Youth to Obama: 'Respect' Our Water." *Indian Country Today Media Network*, August 11, 2016. <https://indiancountrytodaymedianetwork.com/2016/08/11/native-american-youth-obama-respect-our-water-165440>.
3. Talisman, Valerie. "Dakota Access Pipeline Standoff: Mni Wiconi, Water Is Life." *Indian Country Today Media Network*, August 15, 2016. <http://indiancountrytodaymedianetwork.com/2016/08/15/dakota-access-pipeline-standoff-mni-wiconi-water-life-165470>.
4. Goodman, Amy. "Bill McKibben: Dakota Access Pipeline Resistance Powerful Enough to Overwhelm Fossil Fuel Industry." *Democracy Now!* September 30, 2016. http://www.democracynow.org/2016/9/30/bill_mckibben_dakota_access_pipeline_resistance.
5. Burnish, Claire. "Oil Company Takes Dozers on 20-Mile Detour to 'Deliberately Destroy' Ancient Native American Sites." *The Free Thought Project*, September 06, 2016.

<http://thefreethoughtproject.com/dakota-pipeline-destroy-native-sites/>.

6. “Joint Statement from the Department of Justice, the Department of the Army and the Department of the Interior Regarding Standing Rock Sioux Tribe v. U.S. Army Corps of Engineers.” *United States Department of Justice*, September 9, 2016. <https://www.justice.gov/opa/pr/joint-statement-department-justice-department-army-and-department-interior-regarding-standing>.

7. Germanos, Andrea. “UN Experts to United States: Stop DAPL Now.” *Common Dreams*, September 25, 2016. <http://www.common-dreams.org/news/2016/09/25/un-experts-united-states-stop-dapl-now>.

8. Pember, Mary Annette. “Water Protectors Rounded Up After Prayers at DAPL Construction Site.” *Indian Country Today Media Network*, September 29, 2016. <http://indiancountrytodaymedianetwork.com/2016/09/29/water-protectors-rounded-after-prayers-dapl-construction-site-165940>.

Sobre o autor e fotografo:

Hartman Deetz é um Wampanoag da comunidade de Mashpee. Nascido em Massachusetts, mudou-se para Berkeley, Califórnia, aos 2 anos de idade. A partir dos 12 anos, Deetz tornou-se uma criança bicoastal após o regresso de seu pai a Mashpee. Deetz passou dez anos vivendo e trabalhando dentro da comunidade para programas de educação cultural tribal. Deetz voltou à faculdade e em 2016 ganhou seu BA na instrução cultural e em manter comunidades marginais da faculdade de Goddard em Vermont. Deetz vive atualmente em Richmond, Califórnia, onde continua a ser ativo em direitos ambientais nativos com o capítulo de São Francisco de Idle No More.

Sobre a série Desmantelando o Racismo nos sistemas alimentares:

Este Backgrounder é a quinta parcela de uma série de vários autores sobre "Desmantelar o Racismo nos Sistemas de Alimentação". Nesta série buscamos descobrir os fundamentos estruturais do racismo no sistema alimentar e destacar as formas como pessoas, comunidades, organizações e movimentos sociais estão desmantelando as atitudes, instituições e estruturas que mantêm o racismo no lugar. Food First está convencido de que, para acabar com a fome e a desnutrição, devemos acabar com as injustiças no sistema alimentar. Desmantelar as injustiças do racismo no sistema alimentar, no movimento alimentar, nas nossas organizações e entre nós é fundamental para transformar o sistema alimentar e a nossa sociedade.

Food First convida contribuições sobre este tema de autores envolvidos em pesquisa e ação comunitária para desmantelar o racismo no sistema alimentar. Diferentes aspectos do tópico podem incluir a terra, trabalho, finanças, acesso à alimentação, nutrição, justiça alimentar e organizações de soberania alimentar.

